ArReDia
Revista da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras / UFGD

# ENTREVISTA COM CAETANO GALINDO, O AUTOR DE *ENSAIO SOBRE ENTENDIMENTO HUMANO*

*Lucas Menezes de Moraes*[i]
*Universidade Federal da Grande Dourados*
*Gregório Foganholi Dantas*[ii]
*Universidade Federal da Grande Dourados*

Caetano Waldrigues Galindo é paranaense, 43 anos, Doutor em linguística pela Universidade Federal do Paraná e tradutor de obras consagradas da literatura mundial, como *Graça Infinita*, de David Foster Wallace, e *Vida Querida*, da vencedora do Prêmio Nobel de Literatura, Alice Munro. Galindo já recebeu prêmios importantes como o Jabuti, APCA, bem como o da Academia Brasileira de Letras por sua tradução de *Ulysses*, de James Joyce. Como escritor, já publicou *Sim, eu digo sim: Uma visita guiada ao Ulysses de James Joyce* e *Ensaio sobre o entendimento humano*, livro que recebeu o Prêmio Paraná de Literatura de 2013. Um ano antes, Galindo foi eleito uma das 100 pessoas mais influentes do Brasil.

*Ensaio sobre o entendimento humano*, homônimo ao livro do filósofo John Locke, é uma coletânea de 24 pequenos contos. A obra provoca imersão num universo de minúcias que compõem, de maneira sutil, o cotidiano de boa parte das pessoas. A partir de temas nebulosos, como o suicídio e a morte, até a importância de um "boa noite", Caetano W. Galindo demonstra maestria ao tocar em pontos delicados da natureza humana. Sendo assim, CWG esclarece algumas dúvidas acerca de sua carreira e obra, nas condições de professor, tradutor, músico e escritor.

**Como surgiu a vontade de ser professor? Há alguma obra que o motivou a estudar linguística?**

Eu tive foi um imenso choque térmico, um choque de realidade, na minha primeira disciplina de Introdução à Linguística, ainda calouro, no curso de Letras da UFPR. Acho que ninguém entra em Letras com uma ideia correta do que é o curso, né? E quase ninguém sabe bem o que esperar de uma disciplina de Linguística. Mas eu era dos piores, achava que ia estudar para ser escritor e para conhecer gramática normativa (que eu nem sabia que tinha esse nome). Aí,

fazendo Linguística I com o professor José Luiz Mercer, tudo mudou. Aquilo virou as minhas noções do avesso, me mostrou um mundo inteiro de coisas que eu não sabia, não sabia que queria saber, e que a partir dali nunca me abandonaram.

Mais para a frente eu descobri a Linguística Histórica, com o Padre Afonso Robl, professor de filologia românica. E ali o destino ficou selado. Era aquilo que eu queria fazer.

Ou seja, menos do que "obras", foram pessoas que determinaram essa minha inclinação. Esses dois professores e outros, como José Borges Neto, Carlos Alberto Faraco, José Luís Fiorin.

E Saussure, Bakhtin....

Mas de início eu não pensava muito em ser professor. Eu sou lerdo. Eu queria estudar "pra estudar". Mas quando começou a cair da ficha da necessidade de ganhar a vida, foi ficando claro que eu daria aula. E hoje, na verdade, eu brinco que mesmo que eu tivesse ficado no conservatório, sem ter lesionado a mão e sem ter vindo parar nas letras, é bem provável que o meu destino fosse o mesmo: professor.



**Para você, até que ponto a tradução de um escrito pode se assemelhar ao original?**

Se você quer saber se eu acho que um livro traduzido pode "equivaler" ao livro original, a minha resposta é "categoricamente". Acho uma grande bobagem aquela ideia do Umberto Eco (e não é sempre que a gente pode achar que o Eco disse bobagem!) de que o texto traduzido será "Quase a mesma coisa".

É claro que se a gente estiver falando em equivalência plena, ora, isso nunca vai acontecer. Mas, ao mesmo tempo, duas edições do mesmo livro, mesmo que separadas por meses, não serão nunca "a mesma coisa". Duas leituras, pelo mesmo leitor, de um mesmo exemplar de um mesmo livro nunca vão redundar na "mesma coisa". Uma leitura, hoje, de um livro "original" escrito na minha língua há 100 anos não vai ser "a mesma coisa"... Logo, estamos falando no fundo de um processo no qual a singularidade do original é menos fundamental do que se imagina. E eu, por mim, me sinto muito mais inclinado a reconhecer que o sujeito ler hoje uma boa tradução de um livro escrito ano passado, por exemplo, pode lhe garantir de certa forma uma proximidade maior com o original do que a que virá a ter um leitor da língua do original no confronto, daqui a dez anos, com aquele texto.

Fique com o exercício mais simples. Quem teve um acesso mais *direto* a *Guerra e Paz*, de Tolstói? Eu, que li a tradução recente do Rubens Figueiredo, ou um moscovita de hoje, que encara um texto datado de mais de um século, de um mundo tão distante dele quanto de mim? Isso apesar de o texto que eu li não estar escrito nem no mesmo alfabeto do original!

O grande Paulo Henriques Britto costuma dizer que o objetivo da tradução literária é fornecer um texto que permita que seu leitor diga sem mentir que leu o original. E eu acho essa ideia, filosoficamente, muito poderosa. Pense: eu minto quando digo que li *Guerra e Paz*? Não, né? Mesmo sem ter lido uma única letra de cirílico. Logo, o que é que se manteve, que me permite dizer sem mentir que li um livro escrito numa língua que eu não conheço, que parece ser mais importante que a superfície textual (plenamente alterada no processo) e que mantém o estatuto das duas "obras" (original e traduzida) como sendo "a mesma coisa".

É mais nisso que me interessa pensar.

Se, por outro lado, você está pensando na operação de tradução: sim e não. Traduzir é exatamente igual a escrever o original, na mesma medida em que é totalmente diferente pela exclusão do elemento de "criação". Eu costumo dizer que é como um alpinista que está descobrindo uma rota para subir uma parede nova. Eu, o tradutor, sou o cara que vai atrás dele, copiando cada movimento exatamente igual. A gente, no final, terá feito os mesmos gestos, passado pelo mesmo caminho e, em vários sentidos, necessitado da mesma habilidade miúda. A diferença é que eu já tinha o caminho traçado. Eu já sabia que era possível. Eu corro menos riscos.



**O que te levou a traduzir o mastodôntico *Ulysses*? E, qual é, na sua opinião, a relevância dessa obra no cenário da literatura hoje em dia?**

Acima de tudo foi uma vontade de entender o livro. Eu sou um leitor preguiçoso, rápido demais, apressado e atabalhoado. Depois de algumas tentativas de ler o *Ulysses*, e depois de perceber que não ia dar certo ler aquele livro do meu jeito meio leviano, eu decidi que precisava de um "projeto *Ulysses*", a tradução, o doutorado, no fundo tudo fez parte desse projeto pessoal de entender o livro. E eu estou no projeto há quase 15 anos.

O *Ulysses* é 100% relevante. Tecnicamente, ele não fica a dever a qualquer romance escrito depois dele. Ele parece um livro que saiu ontem, como uma vez me disse o grande Cristovão Tezza. Ele, na verdade, ainda tem muito a ensinar a qualquer prosador, a qualquer tradutor e a qualquer leitor, claro. Isso em temos

estritamente técnicos, de abordagem da narrativa, de relação livro-mundo e leitor-livro.

Agora, em termos humanos, nem se fala. Poucos livros são mais importantes.

E o curioso é que essa imagem maior, da grande dificuldade, do virtuosismo técnico e tal, tende a obscurecer esse fato ainda mais importante: o *Ulysses* é uma das maiores exclamações do humanismo, do amor, da empatia, do aprendizado de ser gente entre gentes outras neste mundo. É um livro que, bem lido (encaradas as dificuldades técnicas, percebida a dimensão que elas, muito ao contrário de ocultar, ampliam), muda a tua vida, muda a tua relação não apenas com os livros, mas com os outros, com o mundo.

Especialmente em tempos meio negros (e ninguém há de negar que estejamos em tempos negros), a mensagem final de tolerância, pacifismo, aceitação e amor do *Ulysses* precisa, e muito, ser ouvida.

**Há algum livro que foi tão trabalhoso/difícil de traduzir quanto a obra-prima de James Joyce?**



Na minha carreira, não.

Mas estou começando a lidar mais a sério com o projeto de traduzir o *Finnegans Wake*, e aí as coisas engrossam de verdade!

**A música interfere na sua escrita/tradução? Ou são voos para lugares distintos?**

Resposta dupla (de novo!). Para mim, a música interfere em tudo. Porque eu nasci assim? Porque comecei a estudar muito novo? Não sei. Mas eu vejo o mundo com "olhos" de músico. Mesmo a minha relação com a linguística passa por isso. Ninguém entende melhor a noção de sistema de valores puros do Saussure (que os alunos nunca entendem direito), ninguém entende mais fácil, por exemplo, a noção abstrata de "fonema", do que um músico. Já tive alunos músicos e confirmei. Não sou só eu. Os músicos, mais do que viver em um mundo de sons, vivem em um mundo de "padrões", de "estruturas", de "relações" entre elementos sem valores pré-estabelecidos... E isso (de?)forma a cabeça do cabra pro resto da vida. Você fica condenado (sem nem reclamar!) a ler poesia, prosa, linguística, filosofia, com essa cabeça de músico.

De outro lado, acho também que eu escolho propositadamente maneiras de me relacionar com a literatura que me levem para perto dessa formação. Eu busco mesmo.

Mas, mais pragmaticamente, sim, acho que sempre há de ajudar. Afina o ouvido, faz prestar atenção, gera uma noção mais refinada de "ritmo" (difícil levar a sério alguém que traduz soneto contando sílaba nos dedinhos...), gera uma valorização maior da "surpresa" como novidade dentro de um padrão que ajuda bastante a gerar "beleza" no texto final.

**A interessante abordagem linguística em sua obra é evidente, mas isso não ofusca o contexto humanístico das pequenas histórias que lá estão. De que maneira *Ensaio sobre o entendimento humano* busca atingir o leitor?**

A coisa linguística, o brincadeirismo, por assim dizer, é meio que o entortamento natural deste pepino que vos fala. É meio que o meu jeito de encarar as coisas: tradução, literatura. É o meu jeito de me divertir e o meu jeito de fazer coisas que tenham suficientemente a minha cara para não serem iguais às dos outros. Mas não é necessariamente algo que eu "procure" para "atingir o leitor". Em certos casos, vá lá. Naquele conto do "moedor de carne", por exemplo, tinha a necessidade de fazer aquela voz parecer crível, de gerar uma empatia direta, e para mim, ali, isso passava pela necessidade de escrever oralidade de verdade, por exemplo. Mas no geral é uma coisa de efeito de texto mesmo, não necessariamente um fim por si próprio.



Para mim, o que interessa é usar aqueles continhos para, se tudo der muito certo, fazer meia dúzia de pessoas pensarem sobre coisas diferentes, ou pensarem de jeitos diferentes cobre coisas "normais". Trama, caracterização mais aprofundada, essas coisas que fazem os bons escritores de verdade, são meio que pontos fracos, pontos cegos para mim. O que eu tento fazer, para dar algum jeito de fazer as minhas fraquezas terem uma chance de virar força, é tirar essa espécie de "fotografias" de momentos, de pessoas, de situações, e tentar fazer alguém que um dia venha a ler aquilo pensar naquilo de um jeito novo, ver aquilo como que pela primeira vez.

**Escritores são vis? – Qual foi a sensação após ter escrito o livro "Ensaio sobre o entendimento humano"?**

Escritores são iguaizinhos a todo mundo. Ou seja: tem de tudo.

O que há de "vil" no escritor, para mim, é uma coisa que o David Foster Wallace gostava de enfatizar. O escritor (o prosador, né?) precisa ser um observador atento de pessoas, mas ao mesmo tempo precisa ser alguém fundamentalmente isolado, pra poder escrever. É uma atividade social que necessita de isolamento, uma espécie de autismo funcional, um tipo de

"stalking", mas dirigido, não a uma ou outra pessoa, mas a todo o mundo. Escritores são "parasitas" da sociedade, que lhe devolvem o material de que ela precisa para se manter viva, nova. Os escritores são os pulgões do formigueiro. Escravos? Parasitas? Gado?

A sensação depois do *Ensaio*...

Foi muito estranho. Eu tinha visto o edital do Prêmio Paraná no ano anterior e fiquei com vontade de participar, mas como poeta. Eu tenho montes de poemas guardados, e sou meio convicto do valor de alguma coisa ali, na mesma medida em que sou convicto de que só eu vejo esse valor. Mas vez por outra, tipo de cinco em cinco anos, eu decido tentar alguma coisa por aqueles poemas. E essa foi uma delas.

Mas perdi a data. Trabalho e tal.

Aí botei na cabeça que ia inscrever um livro de poemas no concurso do ano seguinte. E fiquei pensando nisso. Mas o fato é que eu já tinha esse livro pronto, e na medida em que, um ano depois, ia chegando a data limite das inscrições, eu ia ficando pilhado para me inscrever, mas não tinha muito o que mexer naqueles textos que, bem ou mal, estavam prontos.



Aí eu lembrei que eu tinha uns contos guardados, de fases diferentes da vida. Sentei, juntei tudo, escrevi mais umas coisas que andavam me rondando a cabeça (aquele conto da menina na ponte, por exemplo, era uma ideia que andava na minha cabeça tinha uns quatro anos... aí, na hora h, ficou pronto em pouco mais de uma hora), tentei dar uma cara "equilibrada" para o livro, pra ser um "livro de contos" e não um apanhadão de textos diferentes (olha lá aquele amor por "estruturas"), e inscrevi meio na louca.

E esqueci da vida.

Quando me ligaram, e me disseram que eu tinha ganhado o concurso, eu nem tive dúvida, achei que era na poesia. O rapaz até ficou meio sem-jeito, porque eu devo ter dito "uia" quando ele me falou que era nos contos.

Ou seja, foi um livro em grande medida despretensioso para mim, uma coisa feita por um prazer interno, sem projeções de sucessos ou leitores, e de repente até por isso pode ter dado "certo".

**Existe algum diálogo com outras obras semelhantes?**

De novo, sempre tem. Eu estava ainda hoje ouvindo uma cantora australiana chamada Courtney Barnett, e pensando que ali dentro, na música da moça, eu ouvia Regina Spektor, Cake, Strokes, Lou Reed, Timbuk 3, Arctic Monkeys, Toy Dolls...

Ela ouviu tudo isso? Pode ser. E digeriu lá do jeito dela.

Mas pode ser que não. Quem ouviu, afinal, e achou essas relações, fui eu. Eu, que não sou um "escritor" e não tenho "leitores" aos montes, já fiquei sabendo de umas coisas bem impensadas. Teve uma pessoa que me disse que ria aos montes lendo "Livre Arbítrio"!

E mesmo essas "relações" intertextuais podem estar lá para o leitor, mas não para mim.

De minha parte, eu diria que tem ali sim uma dívida grande para com o Wallace e a Ali Smith, pelo menos.

E o André Sant'anna.

**Seu outro livro, "Sim, eu digo sim: uma visita guiada ao Ulysses de James Joyce" possui um tom ensaístico, que contribui muito para o processo de leitura. Qual sua visão sobre esse método de abordagem nos textos de apoio e visitas guiadas?**

Eu tenho certa dificuldade de ser sério. Eu gosto do "informal". E acho que não há porque se esconder num estilo difícil para falar de coisas difíceis, especialmente, como no caso do "Sim", quando o projeto é "democratizador"... é a ideia de fazer mais gente ver num livro que eu acho sensacional as coisas que eu acho que vejo ali.... tinha que ser assim: tinha que ser "acolhedor" para o leitor.



No Brasil, apesar de isso ter melhorado horrores nos últimos 10-15 anos, a gente ainda tem muita lacuna nessa área de "divulgação", de escrever sobre coisas complicadas de um jeito que tenha o que dizer aos especialistas mas não afaste o público geral. Foi o que eu tentei ali.

**Planos para escrever novos livros? Traduções em progresso?**

Traduções. Ano que vem, sai *Dublinenses*, anotado (já terminei a tradução). E agora acaba de sair *Como ser as duas coisas*, da Ali Smith, uma autora que eu adoro.

Até o fim do semestre eu entrego *The Pale King*, o romance que o Wallace deixou inacabado. Depois disso, de parte da editora, não sei. Na verdade, se eu terminar o Wallace sem receber alguma proposta nova, vai ser a primeira vez em muitos anos que eu fico sem uma tradução encomendada. Mas o mercado deu uma encolhida legal nos últimos dois anos...

Em 2018 eu saio para um pós-doutorado, sobre tradução do *Finnegans Wake*, e pretendo lidar bastante com a minha versão do livro daqui até 2019... mas veremos...

De escrever...

Tem um ensaio sobre tradução literária, que eu quero finalizar até daqui a um ano, no máximo.

Eu quero ver também se escrevo um Guia (diferente do "Sim") sobre o *Wake*, para lançar junto com a tradução...

Mas de ficção, por ora não. Eu precisaria ter tempo e paz... e tá difícil...

Em algum momento vai me dar surto de novo e eu vou tentar publicar aqueles poemas!

**Após alguns comentários entre colegas, alguém sugeriu que seu livro dialoga em alguns níveis com *Breves entrevistas com homens hediondos*, de David Foster Wallace. Qual sua posição a respeito disso?**

Busted!

O Wallace é, claro, uma influência enorme para mim. *Breves Entrevistas*, *Oblivion*, assim como os contos da Ali Smith, são certamente modelos muito diretos do que eu queria tentar. Dada, claro, a medida da minha imensa incompetência, na comparação com dois super-escritores .



**Com o fato de você ter se consagrado como um importante nome na tradução brasileira, surgiram comentários diversos a respeito do seu nome ser trabalhado comercialmente como peça-chave para venda de grandes obras, e obras grandes (*Graça Infinita* tem mais de mil páginas, assim como *Cidade em Chamas* e *Ulysses*), e até mesmo afirmações de pessoas na internet de que uma editora tenta colocar o nome do tradutor acima da obra traduzida. Como você vê o processo comercial das editoras, com relação aos tradutores e as obras traduzidas atualmente?**

Bom... primeiro, "consagrado"? Eu traduzi trinta livros. Consagrado é o Britto, o Rubens Figueiredo, o Bóris Schnaiderman, o Augusto de Campos, gente com uma "obra" tradutória. Eu tive a sorte de traduzir coisas com um certo grau de visibilidade, e tive a sorte de, sendo professor universitário, saber falar sobre essas coisas de maneira talvez mais articulada, menos tímida, e com isso ganhei alguma exposição (os prêmios também ajudaram).

Daí tem duas coisas.

O lado comercial: ora, eu sou, literariamente, cria da Companhia das Letras. Todas as minhas traduções relevantes, e praticamente tudo que eu fiz nos últimos dez anos, saíram por ali. Eu me "servi" da grife deles para alcançar o estatuto que possam achar que eu tenha hoje. Acharia mais que normal que eles, se assim desejarem, e se virem utilidade nisso (ainda tenho cá minhas muitas

dúvidas a respeito) se "servissem" do meu nome para alavancar esse ou aquele projeto. Acho realmente que a maioria dos leitores (especialmente aqueles que tendem a ser alvo das grandes campanhas de marketing, feitas para a grande literatura de mercado) nem sabe quem é o tal do tradutor do livro, muito menos que o caboclo ganhou esse ou aquele prêmio. Fica me parecendo que essa ideia é um pouquinho desmedida, descabida, fora de proporção no "mundo real" da venda de livros.

Além de tudo, a editora nunca me dá livros "ruins" para traduzir, para a gente poder dizer que eles quiseram pincelar o meu nome para alavancar um livro qualquer. Acho mais possível que eu, falível como todo mundo, tenha podido atrapalhar a vendagem de um livro ou outro!

Fora isso, o que resta é que, sei lá bem por quê, de fato a minha cara irritou algumas pessoas, especialmente na coisa do "Ulysses". Essas afirmações que você menciona, por exemplo, ficam criticando o fato de as pessoas se referirem ao "Ulysses do Galindo", e julgam por bem esclarecer, ou defender, que o "Ulysses" é de Joyce! Como se alguém, muito especialmente a editora, quisesse fazer pensar o contrário!



Ora, se a pessoa se refere ao "Ulysses do Galindo", é como alguém que se refere à Sonata Waldstein do Paul Lewis. Claro que a pessoa sabe que a sonata é do Beethoven. Mas ela sabe também que há mais de uma versão no mercado, sabe que a interpretação faz parte da sua assimilação da obra, e quer deixar claro qual foi a versão que ouvi. E só. É só isso.

No dia que eu, ou alguém, quiser roubar a autoria do Ulysses.....!

E tem um grau desse incômodo que é também algo descabido. A pessoa preferir o Ulisses do Houaiss, ou da Bernardina, é totalmente normal. Claro que EU prefiro o meu (o que seria de mim se nem eu preferisse!), mas é claro também que eu sei muito bem as vantagens, méritos e deméritos de cada uma das outras traduções (provavelmente sei melhor que qualquer outra pessoa). Agora, por preferir o Houaiss, ou a Bernardina, o cara sair declarando, como dia desses me apontaram no FaceBook, que me "odeia", ou que "detesta" o meu Ulysses? Sempre que eu vi isso pareceu como que uma reação exagerada a essa noção exagerada do que eles pensam ser o hype em torno do meu nome.

Eu só estou aqui fazendo traduções. Tomara que bastante gente ache que estou fazendo bem.

O resto não me interessa.

[i] E-mail do autor: 01lucas@live.com
[ii] E-mail do autor: gregoriodantas@ufgd.edu.br